MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR: DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E TRANSFORMAÇÕES EM CURSO

Ana Karina Moreira Godoy[1]
Universidad de la República, Facultad de Psicología, Uruguai.

Branca Falabella Fabrício[2]
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Letras Anglo-Germânicas, Rio de Janeiro, Brasil.

Martha Cecília Mosquera Urrutia[3]
Universidad Surcolombiana Neiva, Facultad de Educación, Colômbia.

Resumo: Esta entrevista colaborativa apresenta três pesquisadoras latino-americanas envolvidas com o Movimento Negro Educador, explorando sua influência em várias áreas como a psicologia, a linguagem, as artes e o ensino de matemática no Uruguai, Brasil e Colômbia. As interlocutoras aprofundam suas reflexões sobre o Movimento Negro Educador como uma força transformadora nos campos educacional e social, destacando seu papel na promoção de subjetividades afrodescendentes coletivas que valorizem suas identidades culturais, raciais e epistêmicas. Tal perspectiva ilustra o impacto multifacetado do movimento — político, educacional, linguístico, cultural e psicológico — e seu potencial para remodelar os imaginários sociais em toda a América Latina. O diálogo revela compromissos compartilhados com a necessidade de descolonização de corpos, mentes e epistemes e com a

[1] Psicóloga formada pela Universidade da República. Possui mestrado em Psicoterapia com especialização em Psicologia Analítica Junguiana. Professora e pesquisadora da Faculdade de Psicologia e da Vice-Reitoria de Extensão da UDELAR, ela coordena projetos de pesquisa sobre afrodescendentes, saúde mental e abordagens decoloniais. E-mail: psicanamoreira@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0003-2965-9546.

[2] Professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atua no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA/UFRJ). Sua pesquisa mais recente focaliza trajetórias textuais, circulação de discursos e performances identitárias em contextos online-offline. Suas publicações incluem a coletânea *A cidade fala: memórias, linguagens e resistências* (2025). E-mail: brancaff@letras.ufrj.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0006-9924. Sua pesquisa é financiada pelo CNPq (Processo No. 309794/2022-6).

[3] Bacharel em Matemática e doutora em Educação Matemática. Ela também possui certificação em Estudos Afro-Latino-Americanos e Caribenhos. Seus interesses de pesquisa incluem o desenvolvimento do pensamento matemático, o antirracismo, a educação para as relações étnico-raciais, arte e infância. E-mail: martha.mosquera@usco.edu.co. ORCID: http://orcid.org/0000-0003-0091-1034.

criação de práticas pedagógicas inclusivas que operem na desconstrução dos privilégios da branquitude e na promoção de uma democracia mais igualitária. Assim, em conjunto, as pesquisadoras reforçam o potencial do Movimento Negro Educador para atuar como um espaço de resistência, empoderamento e reeducação que promove a desconstrução de hierarquias, a valorização de saberes não eurocêntricos e a construção de uma sociedade mais plural e justa.

Palavras-Chave: Movimento Negro Educador; Descolonização; Inclusão; Subjetividades Afrodescendentes.

BLACK EDUCATOR MOVEMENT: EPISTEMOLOGICAL CHALLENGES AND ONGOING TRANSFORMATIONS

Abstract: This collaborative interview features three Latin American researchers involved with the *Movimento Negro Educador,* exploring its influence in various fields such as psychology, language, the arts, and mathematics education in Uruguay, Brazil, and Colombia. The participants delve into their reflections on the *Movimento Negro Educador* as a transformative force in the educational and social fields, highlighting its role in promoting collective Afro-descendant subjectivities that value their cultural, racial, and epistemic identities. This perspective illustrates the multifaceted impact of the movement—political, educational, linguistic, cultural, and psychological—and its potential to reshape social imaginaries throughout Latin America. The dialogue reveals shared commitments to the need for the decolonization of bodies, minds, and epistemes and to the creation of inclusive pedagogical practices that work to deconstruct the privileges of whiteness and promote a more egalitarian democracy. Thus, together, the researchers reinforce the potential of the *Movimento Negro Educador* to act as a space for resistance, empowerment, and re-education that promotes the deconstruction of hierarchies, the valorization of non-Eurocentric knowledge, and the construction of a more pluralistic and just society.
Keywords: *Movimento Negro Educador*; Decolonization; Inclusion; Afro-descendant Subjectivities.

MOVIMIENTO NEGRO EDUCADOR: DESAFÍOS EPISTEMOLÓGICOS Y TRANSFORMACIONES EN CURSO

Resumen: Esta entrevista colaborativa presenta a tres investigadoras latinoamericanas involucradas en el Movimiento Negro Educador, explorando su influencia en diversas áreas como la psicología, el lenguaje, las artes y la enseñanza de las matemáticas en Uruguay, Brasil y Colombia. Las

interlocutoras profundizan en sus reflexiones sobre el Movimiento Negro Educador como fuerza transformadora en los ámbitos educativo y social, destacando su papel en la promoción de subjetividades afrodescendientes colectivas que valorizan sus identidades culturales, raciales y epistémicas. Esta perspectiva ilustra el impacto multifacético del movimiento —político, educativo, lingüístico, cultural y psicológico— y su potencial para remodelar los imaginarios sociales en toda América Latina. El diálogo revela compromisos compartidos con la necesidad de descolonizar los cuerpos, las mentes y las epistemes, y con la creación de prácticas pedagógicas inclusivas que operen en la deconstrucción de los privilegios de la blancura y en la promoción de una democracia más igualitaria. Así, en conjunto, las investigadoras refuerzan el potencial del Movimiento Negro Educador para actuar como un espacio de resistencia, empoderamiento y reeducación que promueve la deconstrucción de jerarquías, la valorización de los conocimientos no eurocéntricos y la construcción de una sociedad más plural y justa.

Palabras-clave: Movimiento Negro Educador; Descolonización; Inclusión; Subjetividades Afrodescendientes.

MOUVEMENT NOIR ÉDUCATEUR: DÉFIS ÉPISTÉMOLOGIQUES ET TRANSFORMATIONS EN COURS

Résumé: Cet entretien collaboratif présente trois chercheuses latino-américaines impliquées dans le Mouvement noir éducateur, explorant son influence dans divers domaines tels que la psychologie, le langage, les arts et l'enseignement des mathématiques en Uruguay, au Brésil et en Colombie. Les interlocutrices approfondissent leurs réflexions sur le Mouvement noir éducateur en tant que force transformatrice dans les domaines éducatif et social, soulignant son rôle dans la promotion des subjectivités collectives afro-descendantes qui valorisent leurs identités culturelles, raciales et épistémiques. Cette perspective illustre l'impact multiforme du mouvement — politique, éducatif, linguistique, culturel et psychologique — et son potentiel pour remodeler les imaginaires sociaux dans toute l'Amérique latine. Le dialogue révèle des engagements communs envers la nécessité de décoloniser les corps, les esprits et les épistémologies, et de créer des pratiques pédagogiques inclusives qui contribuent à déconstruire les privilèges de la blancheur et à promouvoir une démocratie plus égalitaire. Ainsi, ensemble, les chercheuses renforcent le potentiel du Mouvement noir éducatif à agir comme un espace de résistance, d'autonomisation et de rééducation qui favorise la déconstruction des hiérarchies, la valorisation des savoirs non eurocentriques et la construction d'une société plus pluraliste et plus juste.

Mots-clés: Mouvement Noir Éducateur; Décolonisation; Inclusion; Subjectivités Afro-Descendantes.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma entrevista que trata do Movimento Negro Educador, conceito cunhado por Nilma Lino Gomes (2017) para designar o conjunto de ações e articulações construídas por ativistas negros no Brasil no enfrentamento ao racismo, especialmente a partir do século XX. O termo ressalta o caráter transformador desse movimento social e sua potência educadora e reeducadora na sociedade brasileira, tendo influenciado movimentos em outros países da América Latina. No que se segue, três pesquisadoras de diferentes áreas de atuação – como a psicologia, a linguagem, as artes e o ensino de matemática – aprofundam suas reflexões sobre o Movimento Negro Educador no Uruguai, Brasil e Colômbia, destacando não apenas sua força transformadora nos campos educacional e social, mas também seu papel na promoção de subjetividades afrodescendentes coletivas que valorizem suas identidades culturais, raciais e epistêmicas.

ENTREVISTA

BRANCA FALABELLA FABRÍCIO (BFF): Estamos aqui reunidas três pesquisadoras do projeto de internacionalização intitulado Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina. É um grupo grande de pesquisadores e pesquisadoras que inclui mais de dez pessoas de vários países da América Latina. Hoje estamos juntas para uma conversa sobre nossos projetos e sobre como a gente se relaciona com o Movimento Negro Educador. A gente começa se apresentando (...) e depois a gente elaborou em conjunto um grupo de perguntas para orientar nossa conversa. Então quem começa?

MARTHA CECÍLIA MOSQUERA URRUTIA (MCMU): Olá, boa tarde. Meu nome é Martha Cecília Mosquera Urrutia. Eu realmente me sinto muito honrada em pertencer a este projeto de pesquisa e de contar com a presença das pessoas que estão escutando esse compartilhamento de saber. Sou professora na área de matemática da Universidade Surcolombiana, convencida das lutas pela igualdade acadêmica, convencida do trabalho que tem a ver com as infâncias e, além disso, eu sou pesquisadora e, atualmente, sou a chefe desse programa de graduação.

ANA KARINA MOREIRA GODOY (AKMG): Bem, um prazer, obrigada Martha. Obrigada Branca, por compartilhar esta tarde. Realmente espero que seja uma grande troca, a gente está aprendendo o tempo todo e para mim é um prazer estar aqui também para trocar com vocês. Bom, eu sou Ana Karina Moreira, sou formada em psicologia. Eu também sou professora da Faculdade de Psicologia na Universidade da República. E, acima de tudo, digo que sou uma militante de longa data do Movimento Afro-Uruguaio e da América Latina, afro-ladino-américa. E desses lugares também vamos construindo essa jornada. Eu gosto desse nome, dessa questão de circulação de conhecimento realmente. É assim que construímos. Eu digo, muitas vezes, que nós traduzimos um pouco mal, anunciamos, o que o movimento produz coletivamente. Então, acho que essa é uma reunião para isso, para anunciar, ordenar as ideias que um gera com outros e outras, coletivamente. É um prazer poder estar aqui e compartilhar esta tarde com vocês e com quem pode estar acompanhando.

BFF: Sim, Martha e Ana, é um prazer estar aqui com vocês e trocar ideias. Sou Branca Fabricio, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e venho da área da linguística aplicada. Meus estudos, até aqui, sempre trataram da questão da construção das identidades sociais e da relação entre construção das identidades sociais e a linguagem. A questão racial, lógico, faz parte dessa

investigação. Ela não era o centro da minha investigação, mas depois, por razões pelas quais eu ainda vou explicar ao responder as perguntas, a questão racial se tornou muito importante. Eu diria central. Embora meu foco seja mais a questão discursiva, ele está ligado a processos de diferenciação, agrupamento, hierarquização e valoração de pessoas e corpos, e é aí que a questão racial entra. Ao responder às perguntas, eu acho que vamos deixar mais claro o que a gente estuda, os pontos que nos unem, e as diferenças que a gente pode trocar, contribuindo para o trabalho umas das outras. Coloco aqui a nossa primeira pergunta para começar a conversar. Como você conecta o movimento negro educador ao seu campo de pesquisa, na perspectiva trazida por Nilma Lino Gomes? Martha, quer começar?

MCMU: Sim. Eu acho que o Movimento Negro Educador está vinculado, ou tem a ver, com o que atualmente estou pesquisando no sentido de conseguir empoderar as pessoas, reconhecer um ao outro, reconhecer saberes ancestrais e, além disso, uma grande parte do que eu investigo tem a ver com a justiça curricular, na medida em que nós conseguimos posicionar as descobertas de nossas pesquisas nos currículos escolares, faculdades e universidades. E não apenas isso. Temos conseguido posicionar os saberes que continuamente estamos produzindo politicamente. Por exemplo, aqui na Colômbia, através da lei setenta mil novecentos e noventa e três, da cátedra de estudos afro-colombianos, da lei da educação, certo? Ou seja, esse conhecimento produzido constitui saberes que circulam não apenas nas universidades; outras pessoas têm a possibilidade de acesso a eles. Não são apenas para um certo número de pessoas. Por exemplo, atualmente somos parte da investigação na universidade; nós participamos de um acordo que tem o nosso Ministério da Educação, com o Ministério da Igualdade e o Instituto Colombiano de Bem-estar Familiar, através dos quais estamos formando e diplomando agentes educacionais que atendem a primeira infância. Então, nós

estamos formando quem tem a ver com a diversidade étnica e cultural negra, afrodescendente, racial e palenquera[4], certo? E na primeira infância. Com isso, o que queremos? Conectar pessoas de todas as cores, pessoas de todas as origens que cuidam das crianças, aprender a entender a diversidade na sala de aula e trabalhar com crianças desde a primeira infância. Então, me parece que isso se conecta perfeitamente com o Movimento Negro Educador, na medida em que esses saberes podem alcançar cem por cento da população.

BFF: Claro. E Ana Karina?

AKMG: Me parece que o movimento se conecta muito diretamente com o campo de investigação. Nilma consegue colocar em palavras um movimento que, se não fosse nomeado, ficaria invisibilizado. Acho que é essencial destacar isso. Porque o fato de nomeá-lo gera uma identidade coletiva que vai além das disciplinas. Acho que delimita um campo disciplinar com um enfoque transdisciplinar. Nesse Movimento Negro Educador, o movimento político, não é o mesmo. Isso levanta uma questão muito ampla, que acho muito interessante destacar. Definitivamente, não podemos entender o fenômeno racial senão de um ponto de vista holístico. O Movimento Negro educador sugere, assim, pensar sobre o racismo com uma perspectiva muito ampla, a partir a matriz da opressão que ele também apresenta. E na minha linha específica de pesquisa, a violência racial é entendida como geradora de trauma e de estresse pós-traumático por exposição à violência racial. Essa violência, às vezes, é direta dentro das relações pessoais e interpessoais, mas é muito claro que é também uma característica estrutural e estruturante das instituições e de toda a organização social. A isto acrescentamos outra dimensão, que eu acho que é o que a psicologia, especialmente a psicologia analítica ou a psicologia profunda, tem que contribuir para o movimento, que são os fenômenos de ordem do inconsciente. É uma questão que acho interessante. Por exemplo,

[4] Palenqueras são mulheres conhecidas por comercializarem frutas e doces típicos nas ruas. Originárias da Colômbia, são símbolos de resistência e cultura afro-caribenha.

quando olhamos para o racismo internalizado, vemos que são fenômenos da ordem do inconsciente. E talvez isso seja o primeiro nível de trabalho com o inconsciente, essas ideias de inferioridade internalizada e reproduzida. Outra ordem seria a de inconsciente de grupo, o complexo do grupo atuando a partir do privilégio branco ou de inferioridade negra. Esse fenômeno se serve dos complexos culturais que regulam a vida subjetiva dos grupos e coletivos sociais, mas geralmente são inconscientes ou quase inconscientes. É, por exemplo, o senso comum que pesa sobre o sentido de viver, de ser, de estar e, portanto, de pertencer a um coletivo que pode ser pequeno ou maior. Dentro desses complexos culturais encontramos os complexos culturais raciais. E peço desculpas por falar disso, porque é algo sobre o qual raramente falamos, porque na minha linha de pesquisa eu me preocupei em entender quais são essas forças que sustentam o racismo, que é algo que nós não aceitamos em nossa consciência. É por isso que me preocupo bastante com as forças inconscientes que apoiam o racismo. E é aí que me encontro com os complexos culturais raciais. Eles são construídos com pedaços de história, de imagens e sensações, com crenças que nos ensinam a superioridade do branco sobre o negro. A branquitude não se nomeia, é algo que já sabemos, é naturalizada como norma. É por isso que é necessário combater esse paradigma. Então, eu digo que um Movimento Negro Educador poderia dar origem a um contra-arquétipo da branquitude. Eu entendo que o complexo cultural racial é bipolar. Então, é interessante jogar com essas forças. Parece-me extremamente poderoso porque, de uma certa forma, o movimento negro educador pode ser esse sujeito coletivo a partir do qual neutralizar a branquitude e desvelar o não dito, certo? Então foi isso, primeiro que eu gostaria de trazer e outras coisas que têm a ver com o corpo. A Nilma dá um foco especial ao corpo, não é mesmo? Como um território a ser reconquistado, a ressignificar. É realmente muito interessante. Eu acho, a introdução deste conceito de movimento, deste conceito e desta figura, deste sujeito coletivo

que nos permite nos reunir e reaprender também. E para nós afrodescendentes, ele chega em um momento que nos permite educar e reeducar-nos. É outra coisa que me parece interessantíssima, também, das coisas que a Nilma traz. Porque também precisamos nos reeducar como forma de fazer isso, de nos reconquistarmos, para nos separarmos operacionalmente da branquitude. Não nos separarmos pela separação em si, como para pensar em polaridades, mas para restaurar nossa identidade. Também me parece interessante que é um movimento integrador, que permite uma nova maneira de pensar sobre pessoas não afro, não negras. Também pensar em uma forma de encontrar um espaço onde não ser uma pessoa branca com privilégios. Te digo, desistir dos privilégios da brancura. Isso parece ótimo para mim, interessante também, nisso que é um espaço que por si só funciona em benefício de uma democracia real, de uma democracia integrativa. Eu acho esse conceito maravilhoso; é por isso que realmente me parece muito importante trabalhar com ele, pensando ainda em uma questão de afro-ladino-américa, realmente. Bem, isso é a coisa mais importante. Adoro o conceito e eu poderia falar por horas sobre isso, relacionando com meu campo de trabalho que tem a ver com essas forças inconscientes que sustentam o racismo. Vou deixar aqui para aprofundar.

BFF: Eu acho que tenho que explicar como uma pessoa que aqui no Brasil é lida como branca se aproxima do Movimento Negro Educador. Minha aproximação teve a ver com as leituras que comecei a fazer, leituras decoloniais, com os textos do Grosfogel (2011a) e do Quijano (2000) que tratam muito explicitamente da questão racial, eles colocam o racismo, a escravidão, no centro dos estudos decoloniais. Sistemas de hierarquização, valoração e eixos de opressão que constroem a colonialidade do poder, envolvendo então, hierarquização de linguagens, religião, corpos, sexualidade, gênero, classe, e a necessidade de tratar desses eixos de opressão e desses fenômenos, por outras lentes, que não as lentes eurocêntricas. Assim, comecei a procurar autores negros e autoras negras que escapassem do horizonte

eurocêntrico. Não é difícil achar, eu me deparei com uma produção robusta; mas é uma produção robusta que não circula, que circula pouco. Então o problema não é a falta de produção. A Nilma fala de um apagamento, não é? Foi dessa forma que cheguei aos textos de Nilma e me dei conta de que existe um Movimento Negro Educador que é antigo, não é um fenômeno novo. Entretanto, é pouco discutido, e muito pouco difundido na minha área, a Linguística Aplicada. Minha entrada para reflexão sobre a questão racial e sobre a branquitude foi o questionamento de uma lógica eurocêntrica. Foi assim que eu me aproximei do Movimento Negro Educador. E aí, o que Nilma diz é que a produção é robusta, mas o próprio racismo faz com que ela circule pouco. Eu entendo que isso passa pela educação, que é uma área que me interessa, que está ligada à linguagem, já que as minhas questões de pesquisa implicam em reeducação linguística. Porque entendo que ressignificar, transformar, na direção de relações mais democráticas e inclusivas significa operar com uma outra visão de linguagem. Depois a gente pode, ao longo da conversa, aprofundar um pouco mais. Não sei se Martha quer acrescentar a sua relação com a Nilma e com o movimento.

MCMU: Sim. Olha, eu as escuto e é emocionante. Porque digamos que essa é a postura, que de alguma forma, como Nilma as explica, nos fortalece. É acreditar que posso, digamos, seguir em frente com as coisas. Eu sempre dou o exemplo, e carrego comigo as questões da Nilma, de nós que trabalhamos com crianças. Então, digamos que ao falar sobre o movimento negro educador, que busca empoderar a educação infantil, desde a criança até a velhice, na área de matemática, há uma coisa que é muito importante. A área da matemática é uma área que exclui em si mesma. Acontece que vivemos muito dependentes de questões coloniais das quais, às vezes, não estamos conscientes. Por exemplo, em matemática, quando o professor quer que o exercício fique perfeito, que as coisas têm que ser como o professor quer, há um sentido de urgência, os problemas devem ser resolvidos naquela hora. A quantidade de

exercícios importa mais que sua qualidade, e assim por diante. Poderia nomear uma série de atributos, de questões que nós vemos e trabalhamos na educação. O mesmo se passa com as crianças, quando temos aqueles currículos que são inflexíveis, ou seja, a criança primeiro aprende a contar, depois, aprende a somar, e então aprende a multiplicar. Após tudo isso, retira você de um campo importante para nós que trabalhamos em matemática, que é etnomatemática. Esta etnomatemática busca, de alguma forma, coletar conhecimento ancestral e busca reconhecer o que os negros vem construindo ao longo da história. Portanto, esse movimento negro educador nos permite não só conectar o pensamento matemático tradicional que nós manejamos com o pensamento matemático africano, mas também perceber nos nossos ancestrais e origens africanas como eles desenvolveram algumas matemáticas que vão muitíssimo mais adiante, na maioria dos casos, que essas matemáticas atribuídas ao pensamento europeu. É bem importante uma parte que Nilma comenta a interseccionalidade. É o movimento interseccional que me permite entender pontos de vista tão diferentes e compreender que, muitas vezes, esse pensamento dos negros não foi possível chegar da mesma forma que chegou o pensamento europeu porque nossas tradições eram tradições orais. Sendo assim, de certa forma, tudo tem a ver com isso – com a formação das infâncias, formação dos professores, com impunidade e, politicamente, com a legitimação desses saberes. Esses conhecimentos são igualmente válidos a outros, só que cada um ainda tem um lugar separado.

Por outro lado, parece que existe uma conexão enorme entre eles. Quando nós procuramos exemplos aqui na Colômbia, nós temos o povo Raizal. O povo Raizal é um povo que em nossas cidades no Caribe são um pouco desconhecidos. Essas cidades têm esses costumes tão interessantes quanto, por exemplo, o Sankofa, que é uma filosofia completa onde o que é validado vai para o passado, aprender com o passado para viver o presente e aperfeiçoar o futuro. Nesse sentido, isso dá um poder não apenas de manuseio, mas também

nos leva ao poder político, a um poder organizacional, a um poder que se estende, por exemplo, à família, aos valores que se compartilham em famílias, à medicina ancestral, certo? Eles se tornam parte da acumulação de saberes e quem mais senão as mães e avós, que se responsabilizam por carregar esse conhecimento, são capazes de transmiti-los de geração para geração? Parece-me que, em relação às maneiras de se conectar, nós encontramos muitas como na política institucional de inclusão na universidade, recentemente. Também, com ênfase no que tem a ver com o Movimento Negro Educador, conseguimos determinar algumas posturas excludentes na nossa política institucional de inclusão. Como é isso? A política é vista quando, por exemplo, se leva em conta quantos estudantes negros estão se formando agora. A universidade receberá ou não dois estudantes por carreira? E pelo menos, agora, nós vemos que no Brasil já há universidades onde eles têm uma cota de cinquenta por cento, certo? E isso não é só os cinquenta por cento de participação de estudantes que ingressam na universidade, para estudar esta outra cultura, mas também na estrutura curricular. Estamos, ainda, começando a entender como aqueles conteúdos que nós como povo construímos podem influenciar os currículos. Dessa forma, me parece que as conexões que podem ser estabelecidas são múltiplas. A questão é de onde as vemos. Aí me parece que, nessa parte, o Movimento Negro Educador tem um poder que, de repente, temos que entender. E espero que no trabalho que estamos fazendo com todas essas investigações consigamos posicionar essa potência que tem o movimento que, de alguma forma, busca empoderar as pessoas, como eu disse, desde a infância até a velhice.

BFF: Concordo, Martha, e queria perguntar a vocês duas a seguinte coisa em relação à linguagem. As leituras que tenho feito repensam o modelo de linguagem colonial, um modelo de linguagem comprometida com a ideia de pureza, com a ideia de fronteira. “Então, a língua portuguesa é esta aqui.”; “A língua espanhola é esta aqui.”. Essas fronteiras muito bem definidas vão refutar

qualquer mistura. Há aversão às misturas. Eu acho que isso faz parte de nossa herança colonial. A outra questão é a produção de hierarquias, o tempo todo. Hierarquias de línguas, hierarquias de nações, de corpos, de povos. Todos esses processos, que são processos construídos discursivamente, são naturalizados. Todas as normas são naturalizadas, como tendo estado aí desde sempre e não tendo sido construídas, respondendo a um processo colonizador violento. Esses processos de naturalização, de essencialização, vão produzindo uma série de verdades, verdades científicas, que vão, então, indo na contramão de um processo histórico que você estava sublinhando, um processo histórico de construção e de repetição, de sedimentação de ideias que nem sempre estiveram aí. Há outras formas de pensar. Há outras cosmovisões, como a Martha estava sublinhando. Sendo assim, fico pensando. O que a gente poderia fazer no âmbito da educação e no âmbito da psicologia, para a gente inaugurar uma outra forma que não seja uma forma ontologizante, que vá lidar com essências naturais? Uma outra forma de imaginar seres humanos, linguagem, possibilidades de ser. O que vocês pensam?

AKMG: Acho que o Movimento Negro Educador já está abrindo novas perspectivas nos linguagens, já está quebrando barreiras. Do ponto de vista psicológico, vejo isso claramente no plano consciente, mas não consigo deixar de pensar no nível do inconsciente. Portanto, acredito que, no plano da consciência, pouco a pouco, a linguagem, tanto escrita quanto falada, vai se transformando à medida que incorpora novos conceitos. Mas esses conceitos, quando são nomeados ou introduzidos, remetem a outros campos; estou pensando, por exemplo, na psicologia e sua ligação com a mitologia. Penso em conceitos mitológicos e nos processos de desenvolvimento arquetípico da psique, que têm muito a ver com mitologia. Penso na mitologia que aprendemos, especialmente na mitologia que normalmente aprendemos na faculdade. E falo de universidade, não de pluriversidade, retomando uma

distinção levantada por Grosfoguel (2011b). Esse é um desafio real, que o Movimento Negro Educador vem enfrentando há algum tempo.

Na psicologia que pratico, conhecida como psicologia profunda ou psicologia analítica, podemos começar a falar sobre mitologias africanas, e não apenas sobre a mitologia greco-romana ou a tradição cristã ocidental, para refletir sobre o desenvolvimento dos processos de individuação, pelos quais todos passamos, embora de lugares diferentes. Pensando sobre linguagem, me parece que as formas de nomear e dizer participam dos processos de individuação, mas podem ser reaprendidas ou reapropriadas. Acredito que o racismo funcionou precisamente como uma estratégia de anulação das pessoas em sua essência ontológica. Deixou para trás seres humanos despojados de si mesmos, como almas errantes e perdidas. Na verdade, a branquitude e o racismo causaram muito dano, muito sofrimento psicológico. Sempre digo que, juntos, branquitude e racismo nos colocam em relação a padrões estereotipados de ser nos quais não nos encaixamos. Isso gera muito sofrimento psíquico. Tal alienação produz um afastamento do nosso ser. Devemos pensar que existe uma ferida narcisista que enfraquece o ego, a ponto de desencadear sofrimentos psíquicos sérios. Agora, voltando ao que você estava me perguntando, Branca, acho que o desafio está em nomear; em nomear-nos e reapropriar-nos; também nesse jogo de tomar a palavra, de colocar nossos discursos, nossos conhecimentos, nossas palavras, nossas formas de falar e nossos corpos nesses espaços. Eles já são símbolos, nossos corpos são símbolos. Então, me parece que, às vezes, a linguagem é múltipla. Nossos corpos em espaços universitários já estão gerando essa ideia de múltiplas visões, além até mesmo dos corpos que falam. O trânsito desses corpos por espaços tradicionalmente de exclusão tem um preço. Sempre digo que essa questão do racismo também se articula com um complexo cultural no qual a psique do grupo é ativada inconscientemente. Sempre digo a esses corpos, quando passam por esses lugares: ouçam o corpo. O que acontece

com uma pessoa negra quando falamos sobre isso? O que acontece com o corpo de um homem negro que atravessa um espaço branco, de branquitude? Acho que naquele momento uma memória ancestral de dor é atualizada. Esse corpo tem medo do que pode acontecer. Quanto ao Uruguai, a "Tacita del Plata[5]" é um dos países com a maior população branca da América Latina. Mas é ótimo que sejamos uma palavra em movimento. Somos um símbolo vivo de que estamos questionando as regras do jogo essencialista que jogamos com a branquitude. Não sei se ficou claro o suficiente, mas acho necessário repensar esse jogo. Porque sempre pensei que as linguagens são tão múltiplas: formas, cores, formas de ser, formas de falar, formas de rir, formas de conduzir nossa existência, certo? Não agir de acordo com o cânone é frequentemente perturbador, como Esther Pineda (2024) nos diz ao falar sobre violência estética. "Você deve ter quadris, cabelo, ser tudo o que o padrão da brancura quer." as linguagens são tão múltiplas, e o bom é que podemos traduzi-las para compartilhar conhecimentos e saberes com a comunidade. Então, a questão da linguagem vai muito além. Eu ficaria muito aquém se pensasse nisso em uma só palavra, eu acho

BFF: Claro, então tem que ampliar a noção da linguagem, ampliar também a noção de escuta, o que é escutar? Você trouxe isso. Eu estou pensando aqui, o que é ver? Acho que tem que ampliar todas essas práticas, de escutar, de falar, de ver.

AKMG: Vou dizer uma coisa que é fundamental. Tenho um companheiro que sempre traz, quando começamos a conversar sobre isso, a dimensão dos afrodescendentes[6]. Ele fala da dimensão da negritude. Gosto

[5] A expressão popular "la tacita del Plata" é usada para se referir ao Uruguai como um país pequeno, ordenado e relativamente harmonioso dentro do contexto regional. Essa designação faz parte de um repertório de representações simbólicas que consolidaram o imaginário nacional durante o século XX, juntamente com outras como "a Suíça da América" ou "o pequeno país", que contribuíram para a construção de uma narrativa de excepcionalidade associada à estabilidade institucional e à coesão social. Esse discurso levou à invisibilização dos conflitos sociais e raciais na história do país.

[6] O termo “afrodescendentes” se refere às pessoas negras (pretas e pardas) no Brasil.

muito disso porque é uma dimensão, é mais do que uma perspectiva, pois, às vezes, a linguagem acadêmica diz “a perspectiva étnico-racial”. Eu mesma uso isso, às vezes, para operacionalizar um ponto de vista, mas é muito mais do que isso. É uma dimensão, não é? É algo holístico, amplo, e, com isso, caminhamos por todos os espaços. Me parece realmente incrível, é por isso que conceitos são sempre simplificadores de dimensões complexas.

BFF: Muito bom. Martha, quer falar? Eu ia passar para outra pergunta, mas você quer complementar?

MCMU: Sim, há tantas coisas. Por exemplo, agora mesmo, o que você disse sobre a linguagem, sobre como nossos corpos falam e também nosso cabelo. Então, por trás dessas práticas pedagógicas, nós conseguimos fazer com que os negros comecem a viver a própria vida, e não sua vida em função de. De outro modo, estou aqui falando sobre o racismo como forma de me defender, mas não sobre minha raça e o poder que ela tem. Então, essas perguntas relacionadas à linguagem são absolutamente maravilhosas, poderíamos ficar muito tempo nisso. Então, voltando ao que estávamos falando agora há pouco, como as linguagens e o Movimento Negro Educador poderiam conversar com minha pesquisa, com o que faço, eu continuo insistindo na minha matemática e, no âmbito do Movimento Negro Educador, na resistência. Isso é necessário para entender o que nós, como negros, temos sido capazes durante toda a história. E agora estamos a produzir o próprio conhecimento. Porque, precisamente, quando nós falamos daquela matemática como linguagem, ou falamos sobre essa expressão, estamos sempre observando a pessoa negra ou a pessoa pobre como alguém que tem menos ou é menor que o outro. De alguma forma, a possibilidade de progresso é sempre uma função do outro. Parece-me que há também uma coisa que é muito importante na prática pedagógica do Movimento Negro Educador. Ele facilita o envolvimento em lutas coletivas e que pratiquemos a união. Por

exemplo, nós praticamos Ubuntu; para dizer alguma coisa, abraço meu irmão, abraço meu compatriota; abraço meu amigo. Eu realizo essas práticas que empoderaram todos. (...) Então, como podemos ajudar uns aos outros? Temos um movimento, insisto, nas palavras de Nilma (2017), que eduque, que de alguma forma nos permite seguir em frente. Eu também quero pegar algo que Karina disse, o que eu acho muito importante dizer, não porque o outro não seja importante, mas me parece muito importante quando olhamos, a parte da psicologia, porque o racismo estrutural nos coloca em uma posição também de inferioridade, que de alguma forma não permite nos projetarmos como pessoas e viver nossas próprias vidas. Parece-me que são essas conexões que nós temos que alcançar a partir das nossas diferentes áreas (...) Então, não quero me estender mais.

BFF: Olha, eu acho que a gente já podia responder essa pergunta que está aí, tem a ver com isso que você está falando. Com que linguagem, então, a gente avança nessa conversa com a sociedade? A Ana já falou um pouco disso, das múltiplas linguagens. É com o corpo, é com as imagens, é com a música. Quer falar mais um pouquinho?

AKMG: Sim, fiquei encantada com o que disse a Martha. E me vem à mente algo como, há algo da linguagem do saber popular, que eu amo. Acho que deveríamos trabalhar muito, prestar atenção, por exemplo, nos ditos populares que dizem “Negro depois das 12 não pensa”. Ou comentários gerais sobre o cabelo, a quantidade de termos que há na língua que respondem a crenças e valores do paradigma da branquitude, que nos treinam para ocupar um lugar de inferioridade. Assim, por exemplo, como seria bom resgatar uma linha de trabalho da psicologia negra que toma o conhecimento popular para reapropriar-se dele e valoriza a oralidade como educadora da psique, como psicologia, também como formadora de pensamento. Acho isso muito interessante. Acho que a linguagem da branquitude ativa o arquétipo de mestre e escravo. Essa é a relação. São necessárias outras linguagens para reverter

essa relação, mas nessa questão da linguagem, especificamente, eu pensei em algumas linguagens que podem nos ajudar como a linguagem político-jurídica como mencionado por Nilma (2017).

Em seu texto, Nilma fala muito sobre leis e políticas públicas. No Uruguai, temos algumas, com disposição para melhorar o acesso ao trabalho, para a educação e uma revalorização da cultura e da educação, da cultura dentro do currículo escolar. Contudo, não fizemos muito progresso. Já temos normativas, por exemplo, mais de dez anos depois disso, mas ainda falta muito para que o Uruguai saia do discurso politicamente correto e avance um pouco mais. Acho que esse ponto também podemos compartilhar com outros países como o Brasil: a fragilidade do nosso progresso, e isso também tem muito a ver com a colonialidade inscrita na psique das próprias pessoas negras, certo? Eles não são minoria. Eles são minoria apenas em relação ao poder. Então acho que isso também nos enfraquece bastante. Para pensar em coisas que a psicologia também poderia contribuir, temos esses elementos sobre as questões da descolonização da mente, como nos diz Quince Duncan (1988). Ele pensava nisso em uma linguagem político-legal. Na linguagem artística e corporal, nem me diga, isso é algo que todos nós podemos fazer. Jung (2014 / 1934-1955) diz algo como "o inconsciente fala linguagem poética". E acho que é exatamente isso. A arte talvez seja a melhor linguagem para expressar imagens arquetípicas. Penso em expressões como artes visuais, cinema, dança ou literatura. São símbolos vivos que transmitem resiliência e desafiam estereótipos raciais. Acho que, na verdade, precisamos prestar muita atenção a essa linguagem porque é uma linguagem que não exige formação acadêmica. Por exemplo, o que você estava dizendo, Martha, sobre separação, privilégio, bem, nós somos os portadores disso, e aí devemos ter cuidado com esse espaço que é muito compartilhado, mas que também é um espaço muito

saqueado pela branquitude. Por exemplo, é isso que acontece com o *candombe*[7] no Uruguai. O *candombe* agora é uruguaio, não é mais afro-uruguaio. O que acho ótimo, faz parte da idiossincrasia de ser uruguaio, mas fundamentalmente afro-uruguaio. Eles pegam o conceito, mas apagam o sujeito. Acho que isso acontece em todo lugar, não acha? A branquitude é muito rápida quando se trata de comercializar o bem cultural. Isso é muito importante. Em termos de linguagem acadêmica ativista, acho que temos um grande desafio, que é como a produção de conhecimento nas universidades pode desmontar o racismo científico, construindo pontes entre teoria e prática, mas tomando cuidado para que o racismo epistêmico não se transforme para persistir. Somente assim podemos nos tornarmos donos de nós mesmos como portadores de conhecimento. É necessário ter professores, pessoas e políticos que falem sobre democracia real, que falem sobre representatividade como princípio da democracia real. É mais do que emancipação individual; É que não precisamos de porta-vozes, podemos falar por nós mesmos e coletivamente. Isso também me parece algo muito importante. Por fim, penso na questão da linguagem digital, para incorporar algo atual. Acho que as redes hoje podem ser consideradas uma espécie de lugar de catarse coletiva. Eles democratizaram a palavra, a circulação, a amplificação da voz. Essa linguagem digital parece importante. Hoje, o número de pessoas afrodescendentes que produzem conteúdo me parece uma riqueza maravilhosa. Há tantos jovens nisso, criando discursos, práticas e conhecimentos. As redes, se vermos assim, são muito educativas, na verdade. Adoro ver muitos jovens, e bem, outros não tão jovens

[7] O *candombe* é uma expressão cultural de origem afrodescendente originária do Uruguai, desenvolvida em Montevidéu desde o final do século XVIII por comunidades de africanos escravizados. Segundo o musicólogo Lauro Ayestarán, trata-se de uma manifestação musical autônoma e distinta, que não pode ser reduzida a outras tradições afro-americanas. Ayestarán estabeleceu que o *candombe* evoluiu de práticas rituais privadas para grupos públicos de rua, com registros datando de 1832. Sua pesquisa consolidou o *candombe* como uma prática aberta e comunitária de profundo valor patrimonial. Em 2009, foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

assim, ensinando, com uma trajetória diferente da que eu tive. Bem, eles são nativos digitais e geram muita aliança, que é um movimento diferente, mas também fazem parte do Movimento Negro Educador. Eles estão fazendo um trabalho maravilhoso ao expandir a consciência coletiva para gerar democracias reais.

MCMU: Sim. Muito interessante e realmente sim. Digamos que isso faz você pensar, certo? São várias arestas de qualquer ângulo que você olhe. Quero dizer, se você olhar da perspectiva do orador, de onde ele escreve, onde ele vive a vida, certo? De repente não está alfabetizado, mas ele ainda tem sua maneira de se comunicar, entender e incluir, pelo menos sobre o espaço onde vivem. Faltou alguma pergunta ou não?

AKMG: Essa questão da etnoeducação, essa questão de restauração, essa questão do vazio, novamente como o racismo nos esvaziou, infantilizou. Grada Kilomba fala um pouco sobre isso, de uma psique infantilizada, como se não pudéssemos sobreviver sem a civilização branca. A etnoeducação faz um caminho de volta para casa. É o que me parece maravilhoso e as universidades deveriam abrir mais espaços para trabalhar muito mais nessa linha.

MCMU: Sim, é o que me parece. Bem, de volta às coisas pedagógicas práticas, me parece que de alguma forma nós professores temos essa possibilidade de incluir, para acompanhar, para colocar a voz, né? Então me parece que há muito o que fazer, o que produzir, então ...

BFF: A gente já está chegando ao final, essa era nossa última pergunta. Como o Movimento Negro Educador se liga aos contextos contemporâneos? Vamos fazer uma rodada rápida, só para encerrar. Qual seria a questão central para vocês? Eu pensei, assim ... uma coisa que me incomoda muito no contexto contemporâneo são discursos de ódio em geral. Faz parte desses discursos de ódio, insultos racistas, manifestações violentas de racismo. Eu acho, então, que o Movimento Negro Educador conversa muito

com esse fenômeno que implica profunda reflexão e reeducação. O que vocês teriam a dizer, a sublinhar nos contextos contemporâneos?

MCMU: Sim, parece-me que, tal como você diz, digamos que como contrabalançar toda essa questão da política de ódio e também acho que é aí que você se posiciona, porque às vezes, por exemplo, quando se está na escola, as crianças, por si, em suas relações elas são abertas, vivem suas próprias vidas, certo? Até que chega o momento do sistema que os choca, certo? E começa a classificá-los. Então, de alguma maneira, me parece que, como isso se articula isso com os discursos, com essas questões contemporâneas, me parece, e agora Karina estava dizendo, que é essa grande massa crítica de pessoas negras, esse movimento, estudando, observando e posicionando os discursos que de alguma maneira fazem com que as coisas mudem. Veja, por exemplo, o fato de que, há alguns anos, ninguém pensaria em Obama como presidente dos Estados Unidos. Aqui na Colômbia, por mais que tenha sido muito duro para a Francia Márquez[8], muito duro, isso também serviu para despertar muitas consciências, porque quando as pessoas começam a ver que há essa mulher que já está liderando, que de alguma forma é a vice-presidente, há outros grupos que a tratam dessa maneira, então, também se gera um movimento de onde há pessoas que são mestiças, que, de repente, estão no outro lado, que também começam a exigir respeito. Me parece que toda essa tomada de consciência é central. Na situação que nós vivemos atualmente e que estamos, de alguma forma, nos posicionando, esses discursos permitem estabelecer essa conexão. Quero dizer isso um pouquinho, não sei se é muito, mas eu penso um pouquinho nisso.

BFF: Sim. E aí, Ana?

[8] Francia Elena Márquez Mina (Suárez, Cauca, 1 de dezembro de 1981) é advogada, líder social e ativista afro-colombiana. Reconhecida internacionalmente por sua defesa do território em Cauca, recebeu o Prêmio Goldman em 2018. Ela articulou lutas pela justiça ambiental, étnico-racial e de gênero. Desde 2022, é a primeira mulher afrodescendente a ocupar a vice-presidência da Colômbia, como parte do movimento *Soy Porque Somos* (Eu sou porque nós somos).

AKMG: Sim, eu acho que são os custos, eu penso muito nisso, porque os sofrimentos que afetam as pessoas, eu acho que é um acúmulo, é um processo longo reverter o genocídio, o epistemicídio que instalou a branquitude.

BFF: Linguicídio também, não é?

AKMG: Exatamente, lingüicídio. A verdade é que gosto muito de Grosfoguel (2011a) sobre esse tema, então você fez muito bem em citá-lo, porque isso me ajuda a entender muito bem a colonialidade. Primeiro a colônia e depois a questão da colonialidade posterior. Como fomos nos acostumando, como realmente estamos colonizados, que hoje...tem sido tão difícil desmontar isso, na verdade, quando estamos sendo colocados como irmãos contra irmãos, não é? Como surgiu esse assunto? Então, às vezes penso que Francia Márquez é um símbolo, justamente porque ela ajuda, às custas do pessoal, da família, de tudo o que deve estar sofrendo, certo? Do ponto de vista pessoal que às vezes nos comove, como nesses lugares dessa questão que também podemos ver no movimento, como uma Beatriz Ramírez[9], uma Alicia Esquivel[10], gera uma Ana Karina e como uma Ana Karina dá origem a outras, e a outros degraus. Acho que essa consciência de que você está ocupando um lugar e assumindo uma responsabilidade, que, por um lado; para continuar com

[9] Beatriz Ramírez Abella (Montevidéu, 1956) é uma ativista feminista e uma figura de destaque no movimento afro-uruguaio. Cofundadora do Mundo Afro, foi vereadora suplente, chefe do Departamento de Mulheres Afrodescendentes do INMUJERES, assessora no Município B e atualmente conselheira na Secretaria de Direitos Humanos da Presidência. Ela também foi diretora da INMUJERES e vice-presidente da Comissão Interamericana da Mulher (2013-2015). Ela recebeu o Prêmio Nelson Mandela do Ministério da Educação e foi declarada Ilustre Cidadã de Montevidéu. Mãe, avó e bisavó.

[10] Alicia Ángela Esquivel Rodríguez (Montevidéu, 1949) é pediatra, homeopata e possui mestrado em Políticas Públicas e Gênero. Referência histórica do movimento afrodescendente e feminista no Uruguai, ela atuou desde jovem no Mundo Afro, presidiu e atualmente preside a UAFRO e cofundou o Diálogo Político das Mulheres Afro-Uruguaianas. Foi diretora do Departamento de Mulheres Afrodescendentes da MIDES (2010-2014), coordenadora da Unidade Temática de Gênero da Frente Amplio e atualmente é co-presidente da Comissão Nacional Afrodescendente Antirracista. Ela faz parte do comitê acadêmico do Diploma em Afrodescendentes e Políticas Públicas da UDELAR. Mãe e avó.

o que você estava fazendo, Martha, mas, por outro lado, refletir sobre essa questão que acredito que o Movimento Negro Educador pode ser como esse agente de transformação social. E, da psicologia, gostaria de pensar um pouco como um sanador coletivo. Aproveitando essa ideia de que o psicoterapeuta é, de alguma forma, um sanador ferido, acho que o Movimento Negro Educador é exatamente isso, um sanador ferido. Feridas que se abrem permanentemente, mas dispostas a sarar a cada dia, fazendo disso um processo de transformação coletiva. Parece-me que esses são processos essenciais tanto para processos pessoais quanto coletivos de individuação, assim como para a justiça social. Então estamos em processo. Acredito que, Branca, essa é a responsabilidade do momento histórico que nos corresponde. É meio assim. A branquitude tende a apagar aquilo que percebe como ameaçador, o que em sua imaginação parece ameaçador. Acho que o movimento negro é integrativo, talvez porque está na base, precisamente, de questionar hierarquias. Por isso ele pode ser empático com qualquer outra luta, ele convida a aliança. Acho que essa é a estratégia que temos, é para dentro, mas também para outros, para gerar um campo emancipador mais amplo, não é? Como dialogar um com o outro, não porque acreditamos nos salvadores de ninguém, mas porque estamos no mesmo barco.

BFF: Claro.

AKMG: Estamos na mesma travessia, e isso é algo que, bem, é um trabalho cotidiano.

BFF: Se a gente, para fechar, tivesse que resumir a tônica de nossa conversa em três palavras, o que vocês elegeriam? Três palavras.

MCMU: Comece, Karina.

AKMG: Eu diria coletiva, articulada e com alma, porque aqui estamos o Uruguai, o Brasil e a Colômbia construindo pontes para que cruzemos coletivamente um caminho emancipatório. É isso me gera esse tipo de conversa.

MCMU: Bem, eu diria empoderada, eu diria comprometida e quero dizer educadora.

AKMG: Que linda! Sim.

BFF: Eu diria escutar, aprender, sobretudo escutar e aprender com muita humildade e com empatia. Acho que falamos disso tudo isso aqui, nós três, não é? Então, vamos ficar por aqui. Obrigada por nos assistirem. E obrigada, meninas, muito boa a conversa.

AKMG: Obrigado e espero que muitas pessoas possam compartilhar e comentar também.

MCMU: Espero que sim. Então, obrigado a todos que nos ouvem. Sim, muito obrigado também a todos que se conectaram. Realmente, todos nós fazemos parte deste Movimento Negro Educador. É bom que cada um se sinta um líder e, como agora Karina dizia, que cada um se preocupe em abrir caminhos, seguir caminhos, porque também sozinho sempre se deixa pegadas, mas também segue outros.

AKMG: Exatamente.

CONCLUSÃO

A conversa explorou o impacto multifacetado do movimento negro educador — político, educacional, linguístico, cultural e psicológico — em diferentes regiões da América Latina, sublinhando seu potencial para remodelar imaginários sociais. O diálogo aponta para uma série de ideias compartilhadas, entre elas o compromisso com a necessidade de descolonização de corpos, mentes e epistemes; com a criação de práticas pedagógicas inclusivas; e com a desconstrução dos privilégios da branquitude. Em conjunto, eles promoveriam uma democracia mais igualitária. Assim, as pesquisadoras

reforçam o potencial do Movimento Negro Educador para atuar como um espaço de resistência e reeducação, trabalhando na desconstrução de hierarquias, na valorização de saberes não eurocêntricos e na construção de uma sociedade mais plural e justa.

REFERÊNCIAS

DUNCAN, Quince. *Teoría y práctica del racismo*. San José: Editorial DEI, 1988.

GOMES, Nilma Lino. *El Movimiento Negro Educador*: conocimientos construidos en las luchas por la emancipación. Petrópolis: RJ, Vozes, 2017

GROSFOGUEL, Rámon. Decolonizing Post-Colonial Studies and Paradigms of Political Economy: Transmodernity, Decolonial Thinking and Global Coloniality. *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, v.1, n.1, p.1-38, 2011a.

GROSFOGUEL, Ramón. La descolonización del conocimiento: diálogo crítico entre la visión descolonial de Frantz Fanon y la sociología descolonial de Boaventura de Sousa Santos. In: *Seminario de formación de jóvenes investigadores en dinámicas interculturales – otras formas: saber, nombrar, narrar, hacer 4*. Barcelona: Fundación CIDOB, p. 97-108, 2011b.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Editora Vozes. v. 9/1, 2014 / 1934-1955.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

PINEDA, Esther. *Bellas para morir*: estereotipos de género y violencia estética contra la mujer. Prometeo Libros. Libro digital. 2020. Disponível em: https://ereader.perlego.com/1/book/3949265/1. Acesso em: 15 jun. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of World-Systems research*, Número especial: Festschrift for Emmanuel Wallerstein, v.6, n.2, p.342-386, 2000.

Recebido em: 17/03/2026

Aprovado em: 06/08/2026